Animais: as suas percepções e manifestações espirituais

Paulo Neto

Copyright 2019 *by*
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

https://imagens.mensagemespirita.com.br/images/uploads/posts_file_foto/ar-784x400-animais1.jpg

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes
Rosana Netto Nunes Barroso

Diagramação:

Paulo Neto
site: www.paulosnetos.net
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, dezembro/2019.

Animais: as suas percepções e manifestações espirituais

“A teoria e os fatos são duas coisas distintas; os erros da primeira nunca poderão destruir a força desses últimos.”

(ALEXANDRE AKSAKOF)

Paulo Neto

Índice

Prefácio.....5
Introdução.....11
O que acontece com os animais após a morte?.....14
Percepções sensitivas dos animais.....21
Manifestação de espírito de animais.....40
Os animais podem receber passe magnético?.....60
Conclusão.....67
Referências bibliográficas.....69

Prefácio

Dentre as muitas obras já escritas pelo nosso amigo e confrade espírita Paulo Neto, algumas delas, tive a oportunidade de apreciar, em agradável leitura, um conteúdo bem fundamentado nas premissas de impecável e inquestionável valor evangélico-doutrinário.

Essa que agora chega ao público, vem com riqueza de detalhes. Realmente, é um trabalho, curioso, interessante, esclarecedor e sobretudo causa encantamento ao leitor.

Este novo trabalho de nosso amigo, e escritor espírita, intitulado – ***ANIMAIS: As suas percepções e manifestações espirituais,*** faz uma abordagem interessante, sobre a sensibilidade e percepções desses nossos “irmãozinhos menores”, que ainda na condição de irracionais, debatem-se nos labirintos escuros da animalidade, galgando os primeiros degraus da longa escada da evolução do espírito, que ora, como ALMA ANIMAL, busca a ativação dos seus conteúdos naturais ínsitos em sua

intimidade, o que é atributo de todos os seres da criação.

Todos sabemos que fomos criados simples e ignorantes, ou seja, sem o conhecimento, e na intimidade de cada criatura, encontram-se latentes, potenciais inimagináveis à espera do seu despertar, o que nos recorda o doce conto do irmãos Grimm que nos embalou, no berço do encantamento, os sonhos de criança, naquele conhecido conto, ***"A Bela Adormecida",*** despertada pelo "Beijo do príncipe".

Voltando à obra em questão, e revisando nossos conhecimentos no que toca à Evolução do Principio Espiritual, vamos encontrá-lo estagiando no Reino Vegetal, no Reino Animal e despertando no Reino Humano, trazendo na sua intimidade um potencial gigantesco, o que nos faz lembrar a parábola de Jesus, ***O Grão de Mostarda,*** contida nos evangelhos de Mateus 13: 31 a 32; Marcos 4: 30 a 32 e também em Lucas 13:18 a 19, onde se lê:

> *"O Reino dos Céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e lançou no seu campo; o qual grão é, na verdade, a menor*

de todas as sementes, mas depois de crescida é a maior das hortaliças e faz-se árvore de tal modo que as aves do céu vêm pousar nos seus ramos.”

Desde que lançada à gleba, ali, no aconchego da terra generosa e escura, imediatamente a pequena semente, coloca toda a sua força interior à busca de expansão, sob a tutela dos quatro elementos indispensáveis ao seu desenvolvimento – TERRA, ÁGUA, LUZ E CALOR. E o princípio espiritual ali em desenvolvimento, sob o impacto das leis naturais, desperta a sensibilidade que irá projetá-lo mais adiante, nas experiências que o instinto animal agrega às conquistas do espírito em evolução.

Voltando a falar da obra em cujo prólogo deixamos aqui as nossas melhores impressões, e que nos encantou à leitura, não só pela qualidade das informações ali contidas e retiradas de um acervo literário indiscutivelmente impecável e confiável, como também pelas interessantes abordagens e a vivacidade literária que caracteriza o estilo do nosso amigo escritor.

É uma obra muito esclarecedora, de leitura fácil e inteligível, onde o leitor encontrará muitas informações sobre o mundo animal, suas percepções, sua sensibilidade, ainda para muitos de nós desconhecida.

Mas o progresso inestancável, ao longo dos séculos tem aproximado o homem do animal, para que este, em contato com aquele, pudesse, pouco a pouco ir assimilando os componentes vibratórios da “astralidade humana”, o que vai auxiliando-o na precipitação da sua “psiquê” nos rumos da evolução natural, dentro do contexto pertinente à sua espécime, na qual, sua alma ainda estagiará por incontáveis milênios.

Aí, vem aquela dúvida... Os animais têm alma? Não seria apanágio somente dos homens?

Em se tratando dos animais, como é o caso da obra em questão – ***ANIMAIS: As suas percepções e manifestações espirituais,*** diríamos, conforme nos ensina *O Livro dos Espíritos*, no seu capítulo XI, da segunda parte da obra, onde trata dos Três Reinos, questão 597, que esclarece e afirma: **OS ANIMAIS TEM ALMA, SIM!** Vejamos como escrito:

597. Pois que os animais possuem uma inteligência que lhes faculta certa liberdade de ação, haverá neles algum princípio independente da matéria?

“Há e que sobrevive ao corpo.”

a) – Será esse princípio uma alma semelhante à do homem?

“<u>É também uma alma</u>, se quiserdes, dependendo isto do sentido que se der a esta palavra. É, porém, inferior à do homem. Há entre a alma dos animais e a do homem distância equivalente à que medeia entre a alma do homem e Deus.”

Partindo da premissa de que os animais têm alma, certamente terão suas percepções e manifestações tanto em vida como depois da morte do corpo, o que está muito bem elucidado na obra do nosso amigo Paulo Neto.

Recomendamos, portanto, a leitura desta obra que apresenta interessantes e seguros apontamentos sobre os animais, os quais vem abrir novos horizontes ao conhecimento humano,

desvendando os mistérios que envolvem a vida desses nossos **“irmãozinhos menores”.**

O encantamento que envolve-nos durante a leitura, certamente, não só nos esclarecerá sobre o tema, como também dar-nos-á prazerosos momentos literários, pois quem lê, também viaja pelo imensurável universo do conhecimento. Portanto, leitores a bordo! Viajemos, enfim, pelo encantado mundo animal!

Eliane Alves Batista

Belo Horizonte, 08/01/2020

Introdução

Percebemos que existe muita curiosidade do público, até mesmo entre o não espírita, em relação ao que acontece com os animais após a morte, cujo motivo é óbvio: grande parte da população tem animais de estimação.

O laço de amor que se estabelece entre os donos e seus animais é algo que se percebe com relativa facilidade, a ponto de se ver que, quando eles morrem, copiosas lágrimas correm pelo rosto de seus donos, algumas vezes, até mesmo dos amigos desses, que lhes compartilham a dor da perda.

Os “de fora” jamais entenderão essa dor e nem a saudade do animal de estimação, só quem tem um, certamente, terá condição de avaliar.

As colocações que serão feitas, de forma especial, se aplicariam aos animais superiores ou mais inteligentes; os Espíritos superiores citam, por exemplo, o cão, o elefante e o cavalo. ([1]).

---

1 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, questão 601, p. 274.

Em *Evolução Em Dois Mundos*, além desses três, encontramos o macaco, o gato e o muar, que, como os outros, também são “mais amplamente dotados de riqueza mental, como a introdução ao pensamento contínuo”. ([2])

Apenas para demonstrar que não são irracionais como se pensa, trazemos as opiniões de Kardec e Erasto, respectivamente, que disseram:

> Não se pode negar que eles [os animais] **possuem certa dose de inteligência relativa**, embora se precise admitir que, nesta circunstância, a perspicácia deles ultrapassaria de muito a do homem, visto não haver pessoa alguma que possa vangloria-se de fazer o que eles fazem. […] ([3]) (grifo nosso)

> “[…] **reconheço perfeitamente a existência de aptidões diversas nos animais; que certos sentimentos, certas paixões, idênticas às paixões e aos sentimentos humanos, se desenvolvem neles**; que são sensíveis e reconhecidos, vingativos e odientos, conforme se procede bem ou mal com eles. É que Deus, que nada fez incompleto, deu aos animais – companheiros ou servidores do homem – qualidades de sociabilidade, que faltam

2 XAVIER, *Evolução em Dois Mundos*, p. 212.

3 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, cap. XXII, item 234, p. 251.

> inteiramente aos animais selvagens, habitantes das solidões. […].” ([4]) (grifo nosso)

O certo é que, na sua escalada evolutiva o princípio inteligente, de que são dotados os animais, transformou-se e se tornou espírito humano. Esse assunto nós o tratamos em *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?* ([5]), que indicamos aos interessados.

4 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, cap. XXII, item 236, p. 256.

5 Pode ser adquirido na Ethos Editora, de Divinópolis (MG): captacao@geec.org.br, tel.: (37) 3222-3163.

O que acontece com os animais após a morte?

Há uma pergunta recorrente, que demonstra a preocupação dos que têm animais com o destino deles: iriam eles para o “céu”?

Os Espíritos superiores informaram que os animais também têm uma alma, e como a do homem, reencarnam e estão sujeitos à lei do progresso. ([6]) Dizem ainda que, após a morte o espírito de um animal “fica numa espécie de erraticidade”, e “é classificado pelos Espíritos que se encarregam dessa tarefa e utilizado quase imediatamente”, isso se deve ao fato de que “não dispõe de tempo para se relacionar com outras criaturas”. ([7]) A alma dos animais não pode escolher a espécie animal em que vai encarnar, por não ter livre-arbítrio. ([8])

Na ***Revista Espírita 1861***, mês de julho, Kardec, entre outros argumentos a respeito das

---

6 Ver *O Livro dos Espíritos*, Livro Segundo, Capítulo XI – Os três reinos, tópico “Os animais e o homem”.

7 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, questões 598 e 600, p. 273-274.

8 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, questões 599, p. 274.

visões do Sr. O., de Glocestetrshire, diz:

> […] **Sabe-se que não há Espíritos de animais errantes no mundo invisível, e que, conseguintemente, não pode haver aparições de animais**, salvo o caso em que um Espírito fizesse nascer uma aparência desse gênero com um objetivo determinado, o que não seria sempre senão uma aparência, e não o Espírito real, de tal ou tal animal. […]. ([9]) (grifo nosso)

Como veremos, os fatos dizem o contrário, portanto, estes valerão como fator decisivo, se levarmos em conta isto que o próprio Kardec disse: “Os fatos são argumentos sem réplicas, dos quais é preciso cedo ou tarde aceitar as consequências quando são constatados.” ([10])

O veterinário Marcel Benedeti (1962-2010), na obra ***Qual a sua Dúvida para o Tema: A Espiritualidade dos Animais***, argumentado sobre a questão 600 de *O Livro dos Espíritos* e a afirmação em *O Livro dos Médiuns* de que *“No mundo dos espíritos não há espíritos errantes de animais, mas somente espíritos humanos.*”, disse o seguinte:

---

9 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 216.

10 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 276.

Algumas pessoas se apegam a essas questões para dizer que não há animais no Mundo espiritual e que os autores espirituais como André Luiz e Emmanuel se equivocaram ao descrever a presença de animais nas colônias. ([11])

Primeiramente é preciso entender o que é “erraticidade” e o que significa a palavra “errante”.

Erraticidade: Período que compreende o intervalo entre uma e outra reencarnação.

Errante: É a condição de nômade. No caso é a condição de um espírito que exerce sua liberdade de maneira como aprouver.

Portanto não há realmente espíritos errantes de animais no Mundo espiritual, mas estão na erraticidade.

Não permanecem em estado errante, pois não possuem, ainda, essa liberdade. Os espíritos dos animais ficam sob a tutela de outros que se incumbem deles.

Isso em hipótese alguma, significa que os animais não fiquem no mundo espiritual enquanto aguardam o momento de reencarnarem.

Por isso o Espírito de Verdade disse:

“(A alma de um animal) fica numa espécie de **erraticidade**, pois não está unida a um corpo. Mas **não** é um espírito errante.” ([12]) (grifo do original)

---

11 Aos que, porventura, não aceitam a existência de colônias no mundo espiritual, recomendamos o nosso livro “***As Colônias Espirituais e a Codificação***”, publicado pela Ethos Editora, de Divinópolis (MG): captacao@geec.org.br, tel.: (37) 3222-3163.

Benedeti publicou várias obras sobre os animais, tornou-se, no meio espírita, uma referência em relação ao tema.

A profª. Irvênia Prada, médica veterinária, formada pela USP-SP, na obra ***A questão espiritual dos animais***, no tópico "Animais e Erraticidade", argumenta, entre várias coisas, o seguinte:

> No LE ([13]) 224 encontramos a seguinte questão que Kardec coloca aos espíritos: O que é a alma (entenda-se humana) nos intervalos das encarnações?
>
> R. "Espírito errante, que aspira a um novo destino e o espera".
>
> Nas questões que se seguem, lemos também a expressão "estado errante".
>
> Um dos significados da palavra **errante**, no dicionário de Caldas Aulete é "nômade, sem domicílio fixo", e de **errar**, é "vaguear" (Errando ao acaso…). Por sua vez, **erraticidade**, o mesmo que **erratibilidade**, quer dizer: "caráter do que é errático. (Espir.): Estado dos espíritos durante os intervalos de suas encarnações".
>
> Bem, chegando aos animais, surge a natural curiosidade de se saber como o seu espírito se

12 BENEDETI, *Qual a sua Dúvida para o Tema: A Espiritualidade dos Animais*, p. 308.

13 Nota da transcrição (N.T.): *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec.

comporta na erraticidade, se é que para eles existe erraticidade.

No LE 600, lemos: “A alma do animal, sobrevivendo ao corpo, fica num estado errante, como a do homem após a morte?

R. ‘Fica numa espécie de erraticidade, pois não está unida a um corpo. Mas não é um **espírito errante**. O espírito errante é um ser que pensa e age por sua livre vontade; o dos animais não tem a mesma faculdade. É a consciência de si mesmo que constitui o atributo principal do espírito. O espírito do animal é classificado após a morte, pelos espíritos incumbidos disso, e utilizado quase imediatamente: não dispõe de tempo para se pôr em relação com outras criaturas’.”

Bem, vamos por partes!

Algumas pessoas entendem, a partir desse texto, que os animais, assim que desencarnam, são prontamente reconduzidos à reencarnação.

A expressão “utilizado quase imediatamente” não necessariamente deve ter esse significado. O espírito do animal pode ser prontamente “utilizado” para uma infinidade de situações, dentre elas, inclusive, o reencarne, e então, em todas elas, “não dispõe de tempo para se pôr em relação com outras criaturas”.

Entendo que os animais, sendo conduzidos por espíritos humanos, não dispõem de tempo livre, digamos assim, para se relacionarem com outras criaturas, ou fazer o que quiserem, a seu bel-prazer mas, sim da maneira como decidiram seus

orientadores. Aliás, é o que sugere o texto em foco: “O Espírito errante é um ser que pensa e age por sua livre vontade; o dos animais não tem a mesma faculdade”.

No LM ([14]) 2ª, XXV, 283, Kardec trata da possibilidade da “Evocação de animais” e pergunta aos espíritos: “Pode-se evocar o Espírito de um animal?”. R: “O princípio inteligente, que animava um animal, fica em estado latente após a sua morte. Os espíritos encarregados deste trabalho, imediatamente o utilizam para animar outros seres, através dos quais continuará o processo de sua elaboração. Assim, no mundo dos espíritos, não há espíritos errantes de animais, mas somente espíritos humanos…” Herculano Pires, tradutor da obra, faz a seguinte chamada em rodapé: “Espíritos errantes são os que aguardavam nova encarnação terrena (humana) mesmo que já estejam bastante elevados. São errantes porque estão na erraticidade, não se tendo fixado ainda em plano superior. Os espíritos de animais, mesmo dos animais superiores, não têm essa condição. Ler na *Revista Espírita* n° 7 de julho/1860, as comunicações do espírito Charlet e a crítica de Kardec a respeito.

Apesar da colocação dos espíritos ter sido taxativa, de que não há espíritos errantes de animais, os fatos falam o contrário. Se assim fosse, isto é, se não existissem animais (desencarnados) no plano espiritual, como explicaríamos tantos relatos?

---

14 N. T.: *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec.

> Como explicaríamos a existência dos chamados "espíritos da natureza?" Trataremos deles no próximo capítulo e já posso adiantar que vivem na erraticidade!
>
> Ernesto Bozzano, em *Os Animais têm Alma?* refere, dentre **os 130 casos de fenômenos supranormais com animais**, dezenas de episódios com aparição de bichos em lugares assombrados, com materialização e visão com identificação de fantasmas de animais mortos. ([15]) (grifo do original, o desse último parágrafo é nosso)

A profª. Irvênia Prada é também, no movimento espírita, uma destacada referência quando o tema é sobre os animais. Concordamos com ela, pois os fatos apontam a existência de animais na erraticidade, ainda que isso não seja uma regra geral a ser aplicada a todos eles.

Lembramo-nos de Charles Richet (1850-1935), o fundador da Metapsíquica ([16]), que disse: "[...] não é um verdadeiro sábio aquele que não se curva perante o poder dos fatos." ([17])

---

15 PRADA, *A Questão Espiritual dos Animais*, p. 65-67.

16 Metapsíquica – (do gr. meta – além + psikê – alma + suf.). Ciência estabelecida e estruturada por Charles Richet, destinada a estudar os fenômenos que transcendiam à Psicologia e que fugiam ao domínio físico da ciência dita materialista. [...]. (http://www.guia.heu.nom.br/metapsiquica.htm)

17 RICHET, *A Grande Esperança*, p. 163.

Percepções sensitivas dos animais

Vejamos este artigo constante da ***Revista Espírita 1860***, mês de junho:

O Espírito e o cãozinho

(Sociedade, 4 de maio de 1860. Méd. Sr. Didier)

O Sr. G. G…, de Marselha, nos transmite este fato:

"Um rapaz faleceu há oito meses e sua família, na qual há três irmãs médiuns, o evoca quase que diariamente, servindo-se de uma cesta. **Cada vez que o Espírito é chamado, um cãozinho, do qual ele gostava muito, salta sobre a mesa e vem cheirar a cesta, soltando pequenos gemidos**. A primeira vez que isso aconteceu, a cesta escreveu: **'Meu valente cachorrinho, que me reconhece.'**

"Eu não vi o fato, mas as pessoas de quem o ouvi várias vezes o testemunharam, e são bons espíritas e muito sérias, de modo que não posso pôr em dúvida a sua veracidade. **Eu me perguntei se o perispírito conservaria suficientes partículas materiais para afetar o olfato do cão, ou se o cão era dotado da faculdade de ver os Espíritos**. É um problema que me pareceria útil aprofundar, caso ainda não esteja resolvido."

1. – Evocação de Sr…, morto há oito meses, do qual acabamos de falar. R. – Eis-me aqui.

2. – Confirmais o fato relativo ao **vosso cão, que vem cheirar a cesta que serve às vossas evocações e que parece reconhecer-vos? – R. Sim.**

3. – Poderíeis dizer a causa que atrai o cão para a cesta? R. – **A extrema finura dos sentidos pode levar a adivinhar a presença do Espírito e até a vê-lo**.

4. O cão vos vê ou vos sente? R. – **O olfato**, sobretudo, e o fluido magnético.

Charlet

Observação: Charlet, o pintor, deu à Sociedade uma série de ditados muito notáveis sobre os animais, e que publicaremos proximamente. Foi certamente a esse título que interferiu espontaneamente na presente evocação.

5. – Desde que Charlet quer mesmo intervir na questão que nos ocupa, nós lhe pedimos que dê algumas explicações a esse respeito. R. – De boa vontade. **O fato é perfeitamente verossímil; e, consequentemente, natural.** Falo em geral, pois não conheço aquele de que se trata. **O cão é dotado de uma organização muito particular. Ele compreende o homem, basta isso.** Sente-o, segue-o em todas as suas ações com a curiosidade de uma criança; ama-o, e chega mesmo ao ponto de – e disto têm-se exemplos para confirmar o que adianto – ao ponto, dizia eu, de a ele se dedicar. […].

Charlet

No dia seguinte, a senhora Lese…, médium,

membro da Sociedade, obteve em particular a seguinte explicação sobre o mesmo assunto:

O fato citado na Sociedade é verdadeiro, embora o perispírito destacado do corpo não tenha nenhuma de suas emanações. O cão farejava a presença de seu dono; quando digo ***farejava*****, entendo que seus órgãos percebiam sem que os olhos vissem, sem que seu nariz sentisse**; mas todo o seu ser estava advertido da presença do dono, e essa advertência lhe era dada principalmente pela vontade que se desprendia do Espírito dos que evocaram o morto. **A vontade humana atinge e adverte o instinto dos animais, sobretudo o dos cães, antes que algum sinal exterior o revele**. Por suas fibras nervosas o cão é posto em relação direta conosco, Espíritos, quase tanto quanto com os homens: percebe as aparições; dá-se conta da diferença existente entre elas e as coisas reais terrenas, e lhes tem muito medo. O cão uiva à lua, conforme a expressão vulgar; uiva também quando sente vir a morte. Em ambos os casos, e ainda em outros, o cão é intuitivo. Acrescentarei que seu órgão visual é menos desenvolvido que as suas sensações; ele vê menos do que sente; o fluido elétrico o penetra quase que habitualmente. O fato que me serviu de ponto de partida nada tem de admirável, porque, no momento do desprendimento da vontade que chamava o seu dono, o cão sentia a sua presença quase tão depressa quanto o próprio Espírito escutava e respondia ao chamado que lhe era feito.”

Georges (Espírito familiar) ([18]) (grifo nosso)

Seja lá porque motivo ou causa for, o fato é que o cão percebeu a presença do Espírito do rapaz, seu antigo dono, que se comunicava por meio da cesta, desse fato não há como fugir.

Na ***Revista Espírita 1865***, mês de janeiro, lemos o seguinte trecho do artigo intitulado "O Perispírito descrito em 1805" ([19]):

> Sob o título de: "Aparição real de minha mulher depois de sua morte, – Chemnitz, 1804," – o doutor Woetzel publicou um livro que causou uma enorme sensação nos primeiros anos deste século. O autor foi atacado em vários escritos; o Wieland sobretudo o põe em ridículo na Euthanasia. Durante uma enfermidade de sua mulher, Woetzel havia pedido a esta última para se apresentar a ele depois de sua morte. Ela lhe fez a promessa, mas, mais tarde, a seu pedido, seu marido a liberou. No entanto, **algumas semanas depois de sua morte, um vento violento pareceu soprar no quarto, embora fechado; a luz ficou quase extinta; uma pequena janela na alcova se abriu, e, na fraca claridade que reinava, Woetzel viu a forma de sua mulher** que lhe disse com voz doce: "Charles,

18 KARDEC, *Revista Espírita 1860,* p. 196-198.

19 Kardec informa que se trata de "Extrato da obra alemã: *Os Fenômenos místicos da vida humana*, por Maximilien Perty, professor na universidade de Berna. – Leipzig e Heidelberg, 1861."

> eu sou imortal; um dia nos reveremos.” A aparição e essas palavras consoladoras se renovaram mais tarde **uma segunda vez**. A mulher se mostra em túnica branca sob o aspecto que ela tinha antes de morrer. **Um cão que não tinha se agitado na primeira aparição se pôs a tremelicar e a descrever um círculo como ao redor de uma pessoa conhecida**.
>
> […].
>
> **Quanto ao que concerne ao cão, isso nada tem de surpreendente; vários fatos parecem provar que certos animais sentem a presença dos Espíritos.** Na *Revista Espírita*, de junho de 1860, página 171, citamos um exemplo deles que tem uma notável analogia com o de Woetzel. Não está mesmo positivamente provado que não possam vê-los. **Não haveria nada de impossível a que, em certas circunstâncias, por exemplo, os cavalos que se amedrontam e se recusam obstinadamente a avançar sem motivo conhecido, sofressem o efeito de uma influência oculta**. ([20]) (grifo nosso)

A reação de “tremelicar”, ou seja, tremer em consequência do medo, prova que esse cão sentiu a presença espiritual da mulher, ainda que ela não fosse um espírito perturbador ou malfazejo.

Na ***Revista Espírita 1865***, mês de setembro

---

20 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 23-24.

temos o tópico “Alucinação nos animais”, que transcrevemos:

NOS SINTOMAS DA RAIVA

Um de nossos colegas transmitiu à Sociedade o relato seguinte de um relatório lido na Academia de medicina pelo doutor H. Bouley, sobre os sintomas da raiva no cão.

"No período inicial da raiva, e, quando a doença está completamente declarada, nas intermitências dos acessos, **há no cão uma espécie de delírio que se pode chamar o delírio rábico**, do qual Youatt falou pela primeira vez e que descreveu perfeitamente.

“**Esse delírio se caracteriza por movimentos estranhos que denotam que o animal doente vê objetos e ouve ruídos que não existem senão naquilo que se tem muito o direito de se chamar sua imaginação**. Logo, com efeito, o animal se mantém imóvel, atento, como à espreita; depois, de repente, se lança e morde no ar, como faz, no estado de saúde, o gato que quer apanhar uma mosca no voo. Outras vezes, ele se lança furioso e uivador, contra uma parede, como se tivesse ouvido, do outro lado, ruídos ameaçadores.

“**Raciocinando por analogia, se está muito autorizado a admitir que estão aí os sinais de verdadeiras alucinações**. No entanto, aqueles que não estão prevenidos não poderiam ligar importância a esses sintomas, que são muito fugazes, e basta, para que desapareçam, que a

voz do dono se faça ouvir. Então vem o momento de repouso; os olhos se fecham lentamente, a cabeça pende, os membros da frente parecem se ocultar sob o corpo, e o animal está prestes a cair. Mas de repente ele se endireita, novos fantasmas vêm assediá-lo; ele olha a seu redor com uma expressão selvagem, abocanha, como para agarrar um objeto ao alcance de seus dentes, e se lança na extremidade de sua corrente, ao encontro de um inimigo que não existe senão em sua imaginação."

Esse fenômeno, minuciosamente observado, como se vê, por um autor lembrado, **parece denotar que nesse momento o cão é atormentado pela visão de alguma coisa invisível para nós**. É uma visão real ou uma criação fantástica de sua imaginação, de outro modo dito, uma alucinação? **Se é uma alucinação, isso seguramente não é pelos olhos do corpo que vê, uma vez que não são objetos reais; se são seres fluídicos ou Espíritos, como não fazem, não mais, nenhuma impressão sobre os sentidos da visão, é, pois, por uma espécie de visão espiritual que os percebe.** Num e noutro caso, **gozaria de uma faculdade, até um certo ponto análoga àquela que o homem possui**. A ciência ainda não se arriscou a dar uma imaginação aos animais; ora, da imaginação a um princípio independente da matéria, a distância não é grande, a menos que se admita que a matéria bruta: o boi (sic), a pedra, etc., possa ter imaginação.

[…].

[…] Desde que se admita uma imaginação no cão, poder-se-ia dizer que a doença da raiva o superexcita ao ponto de produzir nele alucinações. Mas **numerosos exemplos tende a provar que o fenômeno das visões ocorre em certos animais, no estado o mais normal, no cão e no cavalo sobretudo;** pelo menos esses são aqueles sobre os quais estiveram mais no estado de observá-lo. Raciocinando por analogia, pode-se supor que o é assim com o elefante e os animais que, por sua inteligência, mais se aproximam do homem. **É certo que o cão sonha; vê-se-o, por vezes, durante seu sono, fazer movimentos que simulam a corrida; gemer, ou manifestar contentamento. Seu pensamento, pois, está agindo, livre e independente do instinto propriamente dito**. Que faz, que vê, em que pensa em seus sonhos? É o que, infelizmente, não pode nos dizer, mas o fato lá está.

[…].

O extrato acima do relatório do Sr. Bouley tendo sido lido na Sociedade de Paris, um Espírito deu a esse respeito a comunicação seguinte.

(Sociedade Espírita de Paris, 30 de junho de 1865. - Médium, Sr. Desliens.)

Existe a visão no cão e em alguns outros animais, nos quais os fenômenos semelhantes àqueles descritos pelo Sr. Bouley se produzem? A questão para mim, não tem sombra de dúvida. **Sim, o cão, o cavalo veem ou sentem os Espíritos**. Nunca fostes testemunhas da repugnância que manifestam às vezes esses

animais ao passarem num lugar onde um corpo humano tinha sido enterrado com o seu desconhecimento. Sem dúvida, direis que seus sentidos podem estar despertos para o odor particular dos corpos em putrefação; então, por que passa ele indiferente ao lado do cadáver enterrado de um outro animal? Por que, diz-se, que o cão sente a morte? Jamais ouvistes os cães uivarem sob as janelas de uma pessoa agonizante, então que essa pessoa lhe era desconhecida? Não vistes também, fora da superexcitação da raiva, diversos animais recusarem obedecer à voz de seu dono, recuarem com medo diante de um obstáculo invisível que parece lhes barrar a passagem, e enfurecer-se; depois passarem em seguida tranquilamente no próprio lugar que lhes inspirava um tão grande terror, como se o obstáculo tivesse desaparecido? Viram-se animais salvarem seus donos de um perigo iminente, recusando percorrer o caminho onde aqueles teriam podido sucumbir. **Os fatos de visões entre os animais se encontram na Antiguidade e na Idade Média, tanto quanto em nossos dias**.

Os animais veem, pois, certamente, os Espíritos. Dizer, aliás, que têm uma imaginação, não é lhes conceder um ponto de semelhança com o espírito humano, e o instinto não é neles a inteligência rudimentar, apropriada às suas necessidades, antes que tenha passado pelos cadinhos modificadores que devem transformá-la e dar-lhe novas faculdades? O homem tem também instintos que o fazem agir de maneira inconsciente no interesse de sua conservação; mas, à medida

> que se desenvolvem nele a inteligência e o livre arbítrio, o instinto enfraquece para dar lugar ao julgamento, porque esse guia cego lhe é menos necessário.
>
> **O instinto**, que está em toda sua força no animal, se perpetuando no homem onde se perde pouco a pouco, **é certamente um traço de união entre as duas espécies**. A sutileza dos sentidos no animal, como no selvagem e no homem primitivo, supre nuns e noutros a ausência ou a insuficiência do senso moral, é um outro ponto de contato. Enfim, a visão espiritual que lhes é muito evidentemente comum, embora em graus muito diferentes, vem também diminuir a distância que parece colocar entre eles uma barreira intransponível. **Disto não concluais, no entanto, nada ainda de maneira absoluta, mas observai atentamente os fatos, porque só dessa observação sairá um dia para vós a verdade**.
>
> MOKI. ([21]) (grifo nosso)

Imediatamente após essa comunicação, Kardec insere a seguinte nota:

> Este conselho é muito sábio, porque, **não é evidentemente senão sobre os fatos que se pode assentar uma teoria sólida**, fora disto não há senão opiniões ou sistemas. Os fatos são argumentos sem réplicas, dos quais é preciso cedo ou tarde aceitar as consequências quando são

21 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 270-276.

> constatados. Foi este princípio que serviu de base à Doutrina Espírita, e é o que nos leva a dizer que é uma ciência de observação. ([22]) (grifo nosso)

O Codificador está coberto de razão ao dizer que “não é evidentemente senão sobre os fatos que se pode assentar uma teoria sólida”. Assim podemos concluir que “os animais veem, pois, certamente, os Espíritos”.

Na ***Revista Espírita 1868***, mês outubro, lemos este artigo:

> UM CASTELO ASSOMBRADO
>
> A narração do fato adiante nos foi remetida por um de nossos correspondentes de São Petersburgo.
>
> Um velho general húngaro, muito conhecido por sua bravura, recebe uma grande herança, pede a sua demissão e escreve ao seu administrador que lhe quer comprar uma propriedade que estava à venda e que para ele escolheu.
>
> O intendente responde imediatamente em aconselhando ao general de não comprar **a dita propriedade**, tendo em vista que ela **era assombrada pelos Espíritos**.
>
> O velho corajoso insiste, dizendo que é uma

22 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 276.

razão a mais para lhe fazer essa compra, e lhe impõe de terminar no mesmo instante.

A propriedade é, pois, comprada, e o novo senhorio se põe a caminho para ir lá se instalar. Ele chega às onze horas da noite na casa de seu intendente, não longe do castelo onde ele quer ir imediatamente. – Por favor, disse-lhe seu velho servidor, esperai amanhã e fazei-me a honra de passar a noite em minha casa. – Não, disse-lhe seu senhor, quero passá-la em meu castelo. O intendente é, pois, obrigado a acompanhá-lo com vários camponeses levando tochas; mas eles não querem ali entrar e se retiram, **deixando só o novo proprietário**.

Este tinha com ele um velho soldado que jamais o tinha deixado, e **um enorme cão** que teria estrangulado um homem com um só golpe.

O velho general se instalou na biblioteca do castelo, acendeu as velas, colocou um par de pistolas sobre a mesa, pegou um livro e se estendeu sobre um sofá esperando os fantasmas, porque ele estava seguro de que, se deles os houvesse no castelo, esses não seriam os mortos, mas bem os vivos; foi também por isto que ele tinha armado as pistolas e que **tinha feito seu cão deitar sob o sofá**; quanto ao velho soldado, ele já roncava num quarto vizinho à biblioteca.

Pouco tempo se escoou; **o general crê ouvir barulho no salão**, escuta atentamente, e o barulho redobra. Seguro de seu acontecimento, ele toma em uma mão uma vela, na outra uma pistola, e entra no salão onde não vê ninguém; procura por

> toda a parte, levanta mesmo as cortinas: **não há nada, absolutamente nada**. Ele retorna, pois, à biblioteca, retoma seu livro, e apenas dele leu algumas linhas quando **o barulho se faz ouvir com muito mais força do que na primeira vez**. Ele retoma uma vela e uma pistola, **entra de novo no salão e vê que se abriu a gaveta de uma cômoda**. Convencido, desta vez, de que havia negócio de ladrões, e não vendo ninguém, **chama seu cão e lhe diz: Procura! O cão se põe a tremer em todos seus membros e retorna a se esconder sob o canapé.** O próprio general começa a tremer, entra na biblioteca, se deita sobre o sofá, mas não pôde fechar o olho a noite toda. Em nos contando este fato, o general nos disse: "Não tive medo senão duas vezes, há dezoito anos, quando no campo de batalha, uma bomba estourou a meus pés; a segunda vez, quando vi o medo se apoderar de meu cão."
>
> Abster-nos-emos de qualquer comentário sobre **o fato muito autêntico** reportado acima, e nos contentaremos em perguntar, aos adversários do Espiritismo, **como o sistema nervoso do cão foi abalado**.
>
> […].
>
> CH. PÉREYRA ([23]) (grifo nosso)

O comportamento do cão que "se põe a tremer em todos seus membros e retorna a se esconder sob

23 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 319-320.

o canapé” nos induz a concluir que, no presente caso, o Espírito manifestante não era nada amigável.

Gabriel Delanne (1857-1926), em ***A Alma é Imortal***, apresenta no cap. V – O corpo Fluídico Depois da Morte, o tópico intitulado “Impressões produzidas pelas aparições sobre os animais”, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

> No que escreveu sobre a vidente de Prévorst, Justinus Kerner alude a uma aparição que ela teve durante um ano inteiro. **De cada vez que o Espírito lhe aparecia, um galgo negro** ([24]), **que havia na casa, como que lhe sentia a presença**. Logo que a aparição se tornava perceptível à vidente, **o cão corria para junto de alguém, como a pedir proteção, muitas vezes uivando forte**. Desde o dia em que viu o vulto, nunca mais quis ficar só durante a noite.
>
> No terrível episódio de casa mal-assombrada, que a Sra. S. C. Hall narrou a Robert Dale Owen, ([25]) se vê que **foi impossível fazer-se que um cão permanecesse, nem de dia, nem de noite, no aposento onde as manifestações se produziam**. Pouco tempo depois destas começarem, ele fugiu e não mais o encontraram.
>
> John Wesley, fundador da seita que lhe tomou o nome, deu publicidade aos ruídos que se ouviam

24 Galgo: raça de cão.

25 N.T.: “Incursões nas fronteiras de outro mundo”, pág. 326.

no curato de Epworth. Depois de descrever esses **sons estranhos, semelhantes aos que produziriam objetos de ferro ou de vidro caindo ao chão**, acrescenta ele:

> "Pouco mais tarde, **o nosso grande mastim** ([26]) **correu a refugiar-se entre minha mulher e eu. Enquanto duraram os ruídos, ele ladrava e pulava de um lado para outro, abocanhando o ar** e isso, as mais das vezes, antes que alguém, no aposento, houvesse escutado coisa alguma. **Ao cabo de três dias, tremia e se esgueirava rastejando, antes que começassem os ruídos**. Era, para a família, o sinal de que estes iam principiar, sinal que nunca falhou."

Fazemos a respeito algumas observações, tomando-as ao ilustre naturalista Sir Alfred Russel Wallace. ([27])

É sem dúvida notável e digna de atenção essa série de casos em que se puderam observar as impressões que os fantasmas produzem nos animais. Fatos tais certamente não se dariam, se fossem verdadeiras as teorias da alucinação e da telepatia. Eles, no entanto, merecem fé, porque quase sempre entram nas narrativas como episódios inesperados. Além disso, são anotados a fim de que não passem despercebidos, o que prova que os observadores conservavam o seu sangue-frio.

Mostram, irrefutavelmente, que grande número de fantasmas, percebidos pela visão ou pela

---

26 Mastim: raça de cão.

27 N.T.: "Os milagres e o moderno espiritualismo", pág. 112.

> audição, ainda quando seja uma única a pessoa que os perceba, constituem realidades objetivas. **O terror que manifestam os animais que os percebem e a atitude que assumem, tão diferente da que guardam em presença dos fenômenos naturais**, estabelecem, de modo não menos claro, que, embora objetivos, não são normais os fenômenos e não podem ser explicados por qualquer embuste, ou por eventualidades naturais mal interpretadas. ([28]) (grifo nosso)

Delanne, um dos pesquisadores clássicos do Espiritismo, também relata casos em que animais sentiam a presença de Espíritos.

Ernesto Bozzano (1862-1943), pesquisador espírita italiano, que foi professor de filosofia da ciência na Universidade de Turim, em ***Os Animais têm Alma?***, no cap. “Alucinações Telepáticas nas quais um animal desempenha o papel de agente”, apresenta, entre vários outros, este caso bem curioso:

> Caso IX – (Auditivo-coletivo) – Destaco do quarto volume, páginas 289/290, do *Journal of the Society for Psychical Research*, o seguinte caso, narrado pela sra. Beauchamp, de Hunt Lodg, Twiford, numa carta dirigida à sra. Wood, de

28 DELANNE, *A Alma é Imortal*, p. 121-124.

Colchester, narração da qual extraímos o trecho a seguir:

> Megatherium é o nome do meu cachorrinho hindu, que dorme no quarto de minha filha. Na noite passada, acordei subitamente ao ouvi-lo saltitar no quarto. Eu conhecia bem a sua maneira de saltitar, muito característica. Meu marido, por sua vez, não tardou a despertar. Interroguei-o, dizendo: “Você ouve isto?” e ele me respondeu: “É Meg”. Acendemos logo uma vela, procuramos por todas as partes, mas não pudemos achá-lo no quarto porque a porta dele estava bem fechada. Então ocorreu-me a ideia de que alguma desgraça sucedera a Meg. Tinha o pressentimento de que ele havia morrido naquele momento. Consultei o relógio para precisar a hora e pensei que devia descer e ir imediatamente assegurar-me de minha intuição, embora isto me pareceu um absurdo, e, depois, fazia tanto frio… Fiquei indecisa um instante e o sono voltou.
>
> Pouco tempo devia ter-se escoado quando alguém veio bater à porta. Era a minha filha que, com uma expressão de grande ansiedade, exclamou: “Mamãe, mamãe, Meg está morrendo.” Descemos a escada de um salto e achamos Meg virado de lado, com as pernas esticadas e rígidas, como se já estivesse morto. Meu marido levantou-o do chão e certificou de que o cão ainda estava vivo, mas ele não chegou a verificar o que tinha sucedido. Verificou-se finalmente que Meg, não se sabe como, tinha enrolado a correia de sua pequena veste em torno do pescoço de tal modo que quase se estrangulou. Nós o libertamos imediatamente e, logo que o animal pôde respirar, se reanimou e se restabeleceu.
>
> De agora em diante, se me acontecer experimentar sensações precisas desta natureza a

> respeito de alguém, proponho-me acudir sem demora. Juro ter ouvido o saltitar tão característico de Meg perto da cama e eu afirmar a mesma coisa.

Para maiores detalhes sobre este caso, envio o leitor ao citado número do *Journal*.

Ainda neste caso, cuja gênese claramente telepática parece fora de qualquer dúvida (tanto mais que, desta vez, as pessoas que receberam as impressões auditivas foram duas), neste caso ainda, digo eu, **a manifestação telepática se realiza sob uma forma simbólica, isto é, um apelo urgente de socorro, partindo da mente do cãozinho agente**, chega até ao percipiente transformando em um eco característico do saltitar que o animal fazia cada manhã junto ao leito dos seus donos.

Ora, **é incontestável que uma percepção telepática desta categoria**, dadas as circunstâncias nas quais ela se produziu, não poderia constituir a expressão exata do pensamento do agente, mas somente uma tradução simbólico-verídica do pensamento do mesmo. Com efeito, é lógico e natural pensar que um animal a ponto de morrer estrangulado, tenha voltado intensivamente seu pensamento para aqueles que eram os únicos que podiam salvá-lo, não sendo, ao contrário, admissível, de modo algum, que o animal, naquele momento supremo, tenha pensado, ao contrário, nos pulinhos que ele tinha o costume de dar todas as manhãs junto ao leito de seus donos. ([29]) (grifo nosso)

---

29 BOZZANO, *Os Animais têm Alma?*, p. 25-26.

Pela particularidade do caso, julgamos que ainda se pode aventar a hipótese de ter acontecido a manifestação do espírito de um animal vivo, pois isso acontece com os homens, conforme registrado na *Revista Espírita*, por Kardec.

Esse livro de Bozzano é repleto de exemplos, que não deixam margens a dúvidas quanto ao fato de os animais terem alguma capacidade de percepção extrassensorial, razão pela qual, nós o recomendamos aos interessados nesse tema.

Nele também se encontrarão vários exemplos relativos ao próximo tópico, porém, não o mencionaremos, pois julgamos que os que citamos já bastam.

Manifestação de espírito de animais

Encontramos nas obras da Codificação o registro da manifestação de uma cadelinha, cuja narrativa pode-se ler na ***Revista Espírita 1865***, mês de maio, da qual transcrevemos:

> MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO DOS ANIMAIS.
>
> Escrevem-nos de Dieppe:
>
> "… Parece-me, caro senhor, que tocamos numa época onde devem se cumprir incríveis coisas. Não sei que pensar de um fenômeno, dos mais estranhos, que vem ainda de ter lugar em minha casa. Nos tempos de ceticismo em que vivemos, não ousaria disso falar a alguém, de medo de que não se me tome por um alucinado; mas, com o risco, caro senhor, de levar sobre vossos lábios o sorriso da dúvida, quero vos contar o fato; fútil em aparência, no fundo, é talvez mais sério do que se o poderia crer.
>
> "Agonizante meu pobre filho, falecido em Boulogne-sur-Mer, onde continuava seus estudos, tivera de um de seus amigos uma **encantadora cadelinha** que havíamos educado com cuidado extremo. Ela era, em sua espécie, a mais adorável criaturinha que fosse possível imaginar. Nós a amávamos como se ama tudo aquilo que é belo e bom. Ela nos compreendia pelo gesto, nos compreendia pelo olhar. A expressão de seus olhos

era tal que parecia que iria responder quando se lhe dirigia a palavra.

“Depois do decesso de seu jovem dono **a pequena Mika (era seu nome)** me foi conduzida a Dieppe, e, segundo seu hábito, ela dormia quentemente coberta aos meus pés, sobre minha cama. No inverno, quando o frio maltratava muito, ela se levantava, fazia ouvir um pequeno gemido de uma extrema doçura, o que era a sua maneira habitual de formular um pedido, e compreendendo o que ela desejava, permitia-lhe vir se colocar ao meu lado. Ela se estendia, então, à vontade entre dois lençóis, seu pequeno focinho sobre meu pescoço que ela gostava por travesseiro, e se entregava ao sono, como os felizes da Terra, recebendo meu calor, me comunicando o seu, o que não me incomodava de resto. Comigo a pobre pequena passava felizes dias. Mil coisas doces não lhe faltavam; mas, **em setembro último, caiu doente e morreu**, apesar dos cuidados do veterinário a quem eu a confiara. Falamos frequentemente dela, minha mulher e eu, e a lamentávamos quase como um filho amado, tanto ela havia sabido, por sua doçura, sua inteligência, sua fiel amizade, cativar a nossa afeição.

“Ultimamente, pelo meio da noite, **estando deitado mas não dormindo, ouvi partir do pé de minha cama esse pequeno gemido que produzia a minha pequena cadelinha quando desejava alguma coisa**. Fui de tal modo tocado com isso, que estendi os braços fora da cama para atraí-la para mim, e acreditei em verdade que iria sentir suas carícias. Ao levantar-me de manhã,

contei o fato à minha mulher que me disse: ‘**Ouvi a mesma voz, não uma única vez, mas duas**. Ela parecia partir da porta de meu quarto. Meu primeiro pensamento foi de que a nossa pobre cadelinha não estava morta, e que escapando da casa do veterinário, que dela tinha se apropriado por sua gentileza, procurava entrar em nossa casa.’

“**Minha pobre filha doente, que tinha sua pequena cama no quarto de dormir de sua mãe, afirma tê-la ouvido igualmente**. Somente lhe pareceu que o som da voz partia, não da porta de entrada, mas da própria cama de sua mãe, que está muito perto dessa porta.

“É preciso vos dizer, caro senhor, que o quarto de dormir de minha mulher está situado acima do meu. Esses sons estranhos provêm da rua como minha mulher o crê, ela que não partilha minhas convicções espíritas? É impossível. **Partidos da rua, esses sons tão brandos não teriam podido ferir meu ouvido, sou de tal modo atacado de surdez**, que, mesmo no silêncio da noite, não posso ouvir o barulho de uma pesada carroça que passe. Não ouço mesmo a grande voz do trovão em tempo de tempestade. De um outro lado, o som de voz partido da rua, como explicar a ilusão de minha mulher e de minha filha que acreditaram tê-lo ouvido, como vindo de um ponto inteiramente oposto, da porta de entrada para minha mulher, da cama desta para minha filha?

“Eu vos confesso, caro senhor, que esses fatos, embora se relacionem a um ser privado de razão, me fazem refletir singularmente. Que pensar disso? Não ouso nada decidir e não tenho o ócio

de me estender longamente sobre esse assunto; mas **me pergunto se o princípio imaterial, que deve sobreviver nos animais, como no homem, não adquiriria, num certo grau, a faculdade de comunicação como a alma humana**. Quem sabe? conhecemos todos os segredos da Natureza? Evidentemente não. Quem explicará as leis das afinidades? quem explicará as leis repulsivas? ninguém. Se a afeição, que é do domínio do sentimento, como o sentimento é do domínio da alma, possui em si uma força atrativa. **Que haveria de espantoso que um pobre animalzinho no estado imaterial se sinta arrastado ali onde sua afeição o leva?** Mas o som de voz, dir-se-á, como admiti-lo, se se fez ouvir uma vez, duas vezes, por que não todos os dias? Essa objeção pode parecer séria; no entanto, seria irracional pensar que esse som não possa se produzir fora de certas combinações de fluidos, os quais reunidos agissem em um sentido qualquer, como se produzem em química certos efervescentes, certas explosões, em consequência da mistura de tais ou tais matérias? Que essa hipótese pareça fundada ou não, não a discuto, direi somente que ela pode estar nas coisas possíveis, e sem ir mais adiante, acrescentarei que constato um fato apoiado num tríplice testemunho, e que se esse fato se produziu, foi porque pôde se produzir. Além disso, **esperemos que o tempo nos esclareça, não tardaremos talvez a ouvir falar de fenômenos da mesma natureza**."

Nosso honrado correspondente **age sabiamente ao não decidir a questão**; de um

único fato que não é ainda senão uma probabilidade, **não tira uma conclusão absoluta; ele constata, observa, à espera de que a luz se faça**. Assim o quer a prudência. **Os fatos desse gênero não são ainda nem bastante numerosos, nem bastante averiguados para deles deduzir uma teoria afirmativa ou negativa**. A questão do princípio e do fim dos princípios dos animais começa somente a se esclarecer, e o fato de que se trata a ela se liga essencialmente. Se isso não é uma ilusão, constata pelo menos o laço de afinidade que existe entre o Espírito dos animais, ou melhor de certos animais e o do homem. **Parece, de resto, positivamente provado que há animais que veem os Espíritos e por eles são impressionados**; disso temos narrado vários exemplos na *Revista*, entre outros o do *Espírito e o pequeno cão*, no número de junho de 1860. **Se os animais veem os Espíritos, isso não é evidentemente pelos olhos do corpo; eles têm, pois, também uma espécie de visão espiritual.**

Até o presente, a ciência não fez senão constatar as relações fisiológicas entre o homem e os animais; ela nos mostra, no físico, todos os animais da cadeia dos seres sem solução de continuidade; mas entre o princípio espiritual dos dois Espíritos existia um abismo; se os fatos psicológicos, melhor observados, vêm lançar um ponto sobre esse abismo, isso será um novo passo de fato para a unidade da escala dos seres e da criação. **Não é pelos sistemas que se pode resolver esta grave questão, é pelos fatos**; se

> ela deverá sê-lo um dia, o Espiritismo, criando a psicologia experimental, só ele poderá fornecer-lhe os meios. Em todos os casos, se existem pontos de contato entre a alma animal e a alma humana, isso não pode ser, do lado da primeira, senão da parte dos animais mais avançados. **Um fato importante a constatar é que, entre os seres do mundo espiritual, jamais foi feita menção de que existam Espíritos de animais. Pareceria disso resultar que estes não conservam a sua individualidade depois da morte, e, de um outro lado, essa cadelinha que teria se manifestado, pareceria provar o contrário**.
>
> Vê-se, segundo isto, que a questão está ainda pouco avançada, e não é preciso se apressar em resolvê-la. […]. ([30]) (grifo nosso)

Em seus comentários, Kardec reforça a questão de que os animais veem os Espíritos, e quanto a manifestação deles, ao usar o termo “pareceria”, entendemos que já não trata mais a questão de não existir animais na erraticidade como fechada, uma vez que, segundo ele, a aparição da cadelinha provaria o contrário. Isso é importante, pois muitos de nós sempre estamos fechando questão sobre determinado ponto, nos esquecendo o que Kardec havia dito:

---

30 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 127-132.

> ***O Livro dos Espíritos*** **não é um tratado completo do Espiritismo**; não faz senão colocar-lhe as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. ([31]) (grifo nosso)

Claro que nem é preciso lembrar que não se deve deixar de seguir o Controle Universal do Ensinamento dos Espíritos quanto às possíveis novas revelações.

Em ***A Reencarnação***, no cap. V – As faculdades supranormais nos animais e seu princípio individual, Gabriel Delanne, insere os seguintes tópicos:

> **Da sobrevivência dos animais**
>
> Escreve o Sr. Peters, na Light:
>
> No que toca à sobrevivência dos animais, observei um fato curioso, antes de me tornar espiritualista. Eu estava doente e recebia sempre a visita de um gato, que pertencia à minha proprietária. Toda tarde, antes de escurecer, vinha o animal ao meu quarto, dava uma volta por ele, com ar solene, e retirava-se. Disseram-me, um dia, que haviam matado o gato, mas o fato se me apagou do espírito, e, **todas as tardes, o gato aparecia, como de hábito. Entretanto, uma vez, lembrei-me, repentinamente, de que o gato estava morto**.

31 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 223.

Como, nessa época, não sabia nada dos fatos psíquicos, e via, entretanto, o gato distintamente, pensei que os sofrimentos me tivessem tornado maluco, mas, ao fim de algum tempo, deixei de receber a visita do bicho.

De outra feita, estando em sessão com uma família, conversava com um hóspede, quando **vi, de repente, um grande cão escuro**, que veio colocar a cabeça em meus joelhos. O cão me parecia tão real, que o descrevi, e meu hóspede reconheceu nele o favorito da família.

Tomo a um livro recente da Sra. Aguilana, “La vie vécue d'un médium spirite”, um caso análogo ao precedente. Ei-lo:

“Estava em Condom, no escritório de M. T., conversando com este e sua mulher, quando tive uma singular visão, de que lhes fiz parte. Disse-lhes que via um Espírito, um senhor, personagem que descrevi. **No mesmo instante, apareceu-me um cão**, do qual pintei o pelo. **Ele percorria o armazém de M. T., em meio às louças e porcelanas**. Era a cada instante chamado pelo senhor: – Venha cá, Médor! – como se receasse que o cão causasse algum desastre no frágil vasilhame. – Esse senhor – disse-me M.T. – morreu há 8 anos. Era um dos meus melhores amigos e a quem tinha como irmão. **Quanto ao cão, que se chamava Médor, é morto há quase um ano**.”

O caso do juiz Austin é tão interessante como os precedentes.

A aparição de um cão

A North Somerset Gazette lembra a história seguinte, contada pelo Sr. Robert Austin, que lhe garante a autenticidade:

“Seu pai, o juiz Austin, que era conhecido como um grande amador de cães, tinha um fraldeiro, muito

> ligado ao dono. **O cão morrera, e, uma semana depois, o juiz foi à casa de um amigo em Clifton**, com o qual se entreteve durante alguns instantes no salão. Quando ele partiu, uma moça escocesa, que se achava então na casa, perguntou quem era aquele senhor com um cão. A dona da casa respondeu que era o juiz Austin, mas, acrescentou, não trazia cão nenhum consigo. **A outra replicou que havia com ele um cachorro, no salão, e descreveu exatamente, não só o aspecto de um velho cão de fralda**, como, ainda, sua postura favorita, quando se achava ao pé do dono. Podeis pensar o que quiserdes desta história, diz Austin, mas é verídica."

Para os partidários obstinados da teoria da transmissão do pensamento ou da criptestesia, a descrição do animal pode ser tomada em uma imagem da subconsciência do juiz; o mesmo não sucede quando a visão fantasma exerce também sua ação sobre animais.

[…].

Um cão fantasma

Colho do "The Animal's Guardian", que as reproduz, muitas histórias de aparições de animais, escritas no "National Review" pelo Capitão Humphries, que as coligiu, durante suas viagens, em muitos países. A história seguinte foi contada ao capitão por um amigo de sua esposa, e a verossimilhança da mesma não tem motivo por onde se lhe possa pôr em dúvida.

> Quando eles estavam no sul da África, sua habitação se achava perto do leito da estrada de ferro, de que o jardim ficava separado por pequeno

muro. Por essa ocasião os possuíam uns buldogues magníficos, ao qual permitiam andar por toda parte, e que, tendo querido evitar uma locomotiva, foi morto por outra. Alguns meses depois, os condutores dos dois trens da noite começaram a dar apitos. Esse fato aborrecia muito o proprietário do cão morto. Além disso, sua mulher era de saúde delicada e se achava, muitas vezes, de cama. O marido encontrou um dia um dos condutores e lhe perguntou se os apitos eram realmente necessários, pois que não havia nenhum sinal em vista. A princípio o homem espantou-se com a pergunta, mas o marido reiterou-a, invocando a doença de sua mulher.

Foi, então, que o maquinista explicou que o amigo do escritor tinha o remédio nas mãos, pois que **o apito era dado, somente no intuito de impedir que o seu cão fosse esmagado, porque ele atravessava muitas vezes a linha, e só se desviava quando era advertido por aquela forma**; e depois, habitualmente, passava por cima do muro de que falamos.

A descrição dada do cão concordava em todos os pontos com a do que tinha sido esmagado pelo trem. Essa aparição continuou por alguns meses, com diferentes intervalos.

Aqui não podia ser invocada, como explicação, nenhuma ação telepática do animal. Por outra parte, uma alucinação visual dos mecânicos é inverossímil, porque eles viram muito distintamente, por diferentes vezes, o fantasma do buldogue, e apitaram a fim de o afastarem.

Notemos, também, que essas aparições se realizaram alguns meses depois da morte do cão, o que indica a conservação de sua forma e a possibilidade para ela de se materializar.

A descrição que se segue nos põe, ainda, em presença da materialização póstuma de um cão, e, o que é notável, essa aparição se deu a cento e seis milhas da cidade em que ele morrera.

O cão risonho

Lê-se no “Swasteka” ([32]), de julho, a curiosa narrativa devida ao General Thompson:

> “**Jim era um magnífico collie,** favorito de toda a família, que residia em Cheyenne. Sua natureza afetuosa não podia ser mais notável. Era conhecido de toda a cidade, que lhe chamava o cão risonho. Vinha-lhe esse apelido, porque demonstrava o prazer que lhe causava o encontro de amigos e parentes do dono, por uma espécie de risada, que se assemelhava estranhamente ao rir de um ser humano.
>
> Uma noite dos últimos dias de 1905, lá para as 7,30, eu passeava com um amigo na 17ª rua de Denver, Colorado. Quando nos aproximávamos da porta do Banco Nacional, **vimos um cão estendido no meio da calçada, e, caminhando para ele, fiquei espantado por sua absoluta semelhança com o Jim,** de Cheyenne. Sua identidade ficou mais certa ainda pelos sinais de satisfação que mostrou ao ver-me, e pelo riso particular, só dele, com que me acolheu. Disse ao meu amigo que, se não estivéssemos a 106 milhas de Cheyenne, ia jurar que estávamos em presença de Jim, cujas particularidades lhe assinalei.
>
> **O cão astral ou fantasma estava evidentemente ferido de modo grave, porque não**

32 N.T.: **Revue Scientifique et Morale du Spiritisme**, setembro, 1907, pág 190.

podia levantar-se. Depois de o ter acariciado, dei-lhe um comovido adeus, atravessamos Slout-Street, e **voltei-me para o ver, uma vez ainda: ele havia desaparecido**. No dia seguinte, de manhã, **recebi uma carta de minha mulher, anunciando-me que na véspera, às 7,30, Jim tinha sido morto acidentalmente**.

Acreditarei toda a minha vida que vi o fantasma de Jim."

O que leva a afastar toda ideia de alucinação é que o cão fantasma foi visto por duas pessoas, uma das quais seu dono, a quem ele manifestou sua afeição, com seu modo especial, e que sua aparição coincidiu com o momento da morte.

Charjes L. Tweedale escreve à Light (56)

"Minha tia L… morreu em 1905, e **seu cão predileto, animalzinho ardente e enérgico, morreu alguns anos antes**. Em agosto, a tia L… **começou a aparecer em minha casa, em plena luz, tanto de noite como de dia, e foi vista por todos os moradores da casa**.

Muitas vezes, **essas aparições eram acompanhadas de uivos e latidas, que nos espantavam muito**. Enfim, o mistério foi desvelado pela aparição, ao lado da tia L…, de seu cão favorito.

Viu-se o animal duas vezes ao mesmo tempo em que a dona. Em certo número de ocasiões ele foi visto sozinho, mesmo em pleno dia, tanto por minha mulher como pelos criados e por meus filhos. Certa vez, viram-no, ao mesmo tempo, quatro pessoas, dia claro, e minha filhinha mais moça ficou tão convencida, que o procurava sob o leito, onde ele parecia ter desaparecido.

Alguns dos que viram o fantasma, não tinham

> **conhecido o animal em vida**, nem qualquer fotografia dele, que não existia. Entretanto, as descrições que faziam coincidiam, absolutamente, e eram inteiramente conformes ao que tinha sido o animal."

A visão coletiva desse cão e a audição de seus latidos, estabeleceram-lhe a sobrevivência, muitos anos após sua desaparição terrestre; aqui, ainda, há materialização de fantasma.

Eis dois outros casos que apresentei na minha memória ao Congresso de Londres de 1898; colho-os em Dassier. O texto não me permite saber se estamos em presença de manifestações de animais póstumos ou vivos, mas parece, se são exatas as descrições, que **num ou noutro caso a materialização é certa**.

> "L. Dassier reporta-se ao testemunho de um cultivador que, entrando em casa, em hora avançada da noite, **viu um burro que passeava em um campo de aveia**. Quis pôr o campo a abrigo de hóspede tão incômodo. **O burro deixou que se aproximassem dele**, e o cultivador o retirou do campo, sem resistência. **Chegou, assim, até à porta da estrebaria, mas, quando se dispunha a abri-la, a besta desapareceu-lhe das mãos, como uma sombra que se esvai**. Fartou-se ele de olhar em torno, mas não viu mais nada.
>
> Tomado de terror, entrou precipitadamente em casa, e acordou o irmão para lhe revelar a aventura.
>
> No dia seguinte, foram ao campo para saber se tão extraordinário ser tinha causado grandes estragos, mas encontraram a seara intacta. O animal misterioso pastara uma aveia imaginária. A noite era bastante clara para que o cultivador pudesse ter

visto, distintamente, as árvores e os arbustos, a muitos metros da estrada.”

[…].

Aparição de animais em sessões experimentais.

“Em uma sessão do mês de novembro de 1877, em casa do Comandante Devoluette, disse a médium Amélia que alguma coisa se apresentava na mesa, e precisamente numa grande folha ali posta para a escrita direta.

Aí tem! **Um animal, vejo patas! Ah! é um cãozinho sentado no papel,** com o nariz curto, olhos grandes, redondos, orelhas cumpridas, cauda de longos pelos, patas finas e compridas. Ouvimos logo um bater de patas e abalos na mesa, pondo-nos a médium ao corrente dos movimentos do animal. Ele salta, prende o papel entre os pés, arranha-o, torce-o, dilacera-o. Ai! que medo! Salta-me no ombro, passa para as costas da Sra. X… (esta senhora sente o choque), volta à primitiva posição. Todos ouvimos pequenos latidos, e minha mulher sente nas mãos as patas do animal. Em seguida, ele lambe as mãos de Amélia, as da Sra. X… e desaparece.

Acesa a luz, encontramos o papel torcido, dilacerado e distintamente denunciada a impressão de pequenas garras.”

Os latidos ouvidos pelos assistentes e os traços das unhas deixados no papel, parecem estabelecer a realidade do cão fantasma.

Materializações visíveis de formas de animais

“**As materializações de formas animais não são raras com Frank Kluski**. Nos relatórios das

sessões de estudos psíquicos de Varsóvia, temos a assinalar, especialmente, **uma grande ave de rapina**, que apareceu várias vezes e foi fotografada; **depois, um ser bizarro, espécie de intermediário entre o macaco e o homem**. Tem a estatura de um homem, uma face simiesca, mas uma fronte desenvolvida e reta, o rosto e o corpo coberto de pelos, braços compridos, mãos fortes e longas. Parece sempre comovido, toma as mãos dos assistentes e as lambe como faria um cão.

Ora, esse ser, que denominamos o Pitecantropo, manifestou-se muitas vezes durante nossas sessões. Um dos assistentes, na sessão de 20 de novembro de 1920, sentiu sua grande cabeça aveludada apoiar-se-lhe pesadamente no ombro, junto ao rosto. Essa cabeça era guarnecida de cabelos bastos e rudes. Um odor de animal selvagem, de cão molhado, desprendia-se dele. Um dos presentes estendeu a mão; apanhou-a o Pitecantropo e lambeu-a longamente, por três vezes. Sua língua era grande e macia."

Eis alguns pormenores, concernentes a esse ser bizarro; são extraídos dos relatórios das sessões de Varsóvia, em 1919:

"**É um ser do tamanho de um homem adulto, muito peludo, com uma grande crina, e uma barba hirsuta**. Estava como que revestido de uma pele crepitante; a aparência era a de um animal ou de um homem muito primitivo.

Não falava, mas emitia, com os lábios, sons roucos, estalavam a língua e rangia os dentes, procurando, em vão, fazer-se compreender.

Quando o chamavam, aproximava-se; deixava que lhe acariciasse a pele veludosa, tocava as mãos dos assistentes, arranhava-as docemente, antes com

> garras, do que com unhas. Obedecia à voz do médium e não fazia mal aos assistentes.
>
> Era um progresso, porque, nas sessões anteriores, este ser manifestava grande violência e brutalidade. Tinha uma tendência visível e uma vontade tenaz de lamber a mão e o rosto dos assistentes, que se defendiam dessas carícias bem desagradáveis. Obedecia às ordens do médium, não só quando expressas pela palavra, senão quando expressas pelo pensamento. Outras vezes sentíamos, sob os joelhos, fricções como as de um cão." ([33])
>
> Ao correr do ano de 1922, o Dr. Geley foi a Varsóvia e sei que ele verificou, nas sessões com o médium Kluski, materializações de cães. ([34]) (grifo nosso, exceto os títulos)

Temos, portanto, pelos fatos, a comprovação da manifestação de espíritos de animais. Julgamos que para que isso ocorra, devem eles estar em uma espécie de erraticidade, ainda que não seja exatamente igual à dos seres humanos.

O escritor Jean Prieur (1914-2016), em ***A Alma dos Animais***, na segunda parte intitulada "A alma sobrevive e se manifesta", apresenta alguns casos interessantes de manifestações de espíritos de

---

33 N.T.: **Rev. Mét.**, julho 1901, jan. 1923, nov. 1923: materialização de forma animais com o médium Guzik.

34 DELANNE, *A reencarnação,* p. 107-116.

animais, dos quais destacamos o de Polka:

> A história de Polka, que a Sra. Luce Vincens-Marty escreveu para a revista *L'Inconnu*, é a mais incrível, a mais bela que conheço.
>
> Polka era uma cachorra vira-lata que recusava a hospitalidade dos seres humanos (o que sugeria que ela tinha sofrido por um deles). No entanto, ela tinha simpatia por nós e vinha todos os dias buscar a comida que tínhamos preparado para ela. Ela tinha a sua residência em uma carreira no fundo da floresta, e todos em nossa cidade a conheciam. Podíamos acariciá-la, mas ela gostava de sua vida nômade e ia embora imediatamente após ter comido.
>
> Num domingo, dia de festa na cidadezinha, tínhamos reservado para ela uma carcaça de pato, regozijamo-nos de sua alegria por este prato incomum. Mas Polka não apareceu. No dia seguinte, tampouco; nossa preocupação estava no máximo, porque **várias vezes nós três ouvimos gemidos na porta, seguidos por um arranhão**. Levantávamo-nos às pressas e não víamos nada, a não ser a rua vazia. Preocupada, minha filha pegou sua bicicleta e foi para o bosque, onde ela encontrou o professor e lhe explicou seus medos, foi aí que ele respondeu: – Como, você não sabe? **O pobre animal foi vítima de um motorista** que tinha bebido demais, e que bateu nela. Ela teve a traseira esmagada e acabou em um matagal.
>
> **Naquela mesma noite, os gemidos tornaram-se a ouvir à nossa porta**. Não aguentando mais, meu marido e eu pegamos uma lâmpada elétrica e fomos para a floresta. Andamos por todos os lados. **E foi aí que para responder às nossas chamadas**

> **ouvimos gemidos bem baixinho**s. Chegamos a uma escavação de pedra aonde **vimos o cadáver ensanguentado de Polka com três filhotes pendurados nos seus seios. Um deles ainda estava vivo**. Pegamo-lo e meu marido foi buscar uma pá para enterrar a cadela valorosa. Estimulado pelo fogo e leite quente, o pequeno foi salvo, e **nunca mais o fantasma de Polka voltou a assombrar nossa casa.**
>
> Quero acrescentar que meu marido não é facilmente convencido, mesmo assim ele tinha certeza de que a alma do cão veio chamar nossa atenção para salvar seus filhotes.
>
> Há tudo nesta história: a existência e a sobrevivência da alma animal, a alma amorosa, inteligente, e grata… e preocupada.
>
> Mas a alma não é um simples vapor, ela possui um corpo sutil, que pode ser bastante materializado para que Polka conseguisse choramingar e arranhar a porta de seus protetores. ([35]) (grifo nosso)

É um caso bem comovente, pois demonstra o amor e a preocupação de Polka, já no plano espiritual, como os seus filhotes, fazendo de tudo para que fossem resgatados. Será que poderíamos aplicar o dito popular “Mãe, é mãe”?

E, por fim, citaremos algo acontecido com o

35 PRIEUR, *A Alma dos Animais*, p. 121-122.

médium Divaldo Franco, registrado em ***A Questão Espiritual dos Animais***, que a profª. Irvênia Prada narra da seguinte forma:

> O prezado confrade Divaldo Pereira Franco contou-me, certa feita, a ocorrência de interessante episódio, que tentarei reproduzir o mais fielmente possível. Autorizando-me, por carta, a citação de seu relato neste livro, acrescentou detalhes que passaram a contar da segunda edição em diante.
>
> Há alguns anos, Divaldo foi convidado a proferir palestra em Campo Grande (MS), sendo recebido na residência da Sra. Maria Edwiges Borges, então presidente do Centro Espírita Discípulo de Jesus e mais tarde também presidente da Federação Espírita do Mato Grosso do Sul, quando da sua fundação. Ao chegar pela primeira vez à casa de d. Edwiges – que passou a hospedá-lo deste então, e estando no momento acompanhado por ela e alguns amigos, **foi surpreendido por um enorme cão que saltou sobre ele, pondo-lhe as patas quase nos ombros**. Acometido pelo susto, emitiu um grito, chamando a atenção das outras pessoas, que prontamente o arguiram sobre o acontecido. Ao elucidar, desconcertado, o que ocorrera, notou a emoção de d. Edwiges. Comovida, ela identificou, p**ela descrição feita por Divaldo, que se tratava de seu cão de estimação, que havia morrido há meses** e ali estava dando o testemunho de sua imortalidade através de sua presença.
>
> Segundo Divaldo, [os que] presenciaram o

> ocorrido certamente poderão testemunhá-lo.
>
> **Tudo leva a crer que o cão de d. Maria Edwiges, mesmo desencarnado, permanecia ali, no ambiente doméstico** que o acolheu carinhosamente por muitos anos, enquanto encarnado, tendo sido, sua presença espiritual, detectada pela mediunidade de Divaldo.
>
> Lindo, este caso! ([36]) (grifo nosso)

Para corroborar a nossa recomendação de leitura da obra de Bozzano, recorremos a profª. Irvênia Prada, num seu trecho já citado, mas que é preciso destacá-lo, no qual ela diz:

> Não posso deixar de referir, novamente, a obra magnífica ***Os Animais tem Alma?***, de Ernesto Bozzano, que recomendo para leitura e aprendizado sobre o assunto, porque dos **130 casos descritos, de manifestações metapsíquicas envolvendo animais**, muitos estão inseridos nesta categoria de fenômenos, ou seja, em que animais, pela atuação de seu perispírito são vistos e ouvidos ou sentido sua presença. ([37]) (grifo nosso)

Vamos para o tópico seguinte, que também não deixa de ser interessante.

---

36 PRADA, *A Questão Espiritual dos Animais*, p. 62-63.

37 PRADA, *A Questão Espiritual dos Animais*, p. 64.

Os animais podem receber passe magnético?

Em ***O Livro dos Médiuns***, 2ª Parte, cap. XXII – Mediunidade nos animais, há um registro de uma comunicação de Erasto, da qual tomaremos os seguintes parágrafos.

> "Dizem que o Sr. T… **magnetizou o seu cão.** A que resultado chegou? **Matou-o; porque esse infeliz animal morreu depois de ter caído numa espécie de atonia, de langor, consequente à sua magnetização**. Com efeito, saturando-o de um fluido haurido numa essência superior à essência especial de sua natureza de cão, ele o esmagou, agindo sobre o animal à semelhança do raio, ainda que mais lentamente. Assim, pois, como não há nenhuma assimilação possível entre o nosso perispírito e o envoltório fluídico dos animais propriamente ditos, nós os esmagaríamos, instantaneamente, se os mediunizássemos.
>
> […].
>
> Resumindo: os fatos medianímicos não podem manifestar-se sem o concurso consciente ou inconsciente dos médiuns, e é somente entre os encarnados, Espíritos como nós, que podemos encontrar os que nos possam servir de médiuns. […]. ([38]) (grifo nosso)

38 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 256.

O assunto trata de magnetização que se aplicava às pessoas e elas “caiam” em estado sonambúlico e com isso, muitas vezes, entravam em contato com os seres do mundo espiritual. Em sua fala, Erasto deixa claro que médiuns são só os seres humanos, entretanto, sempre a toma como se se referisse ao passe magnético.

Em nossa maneira de entender, em relação aos animais que veem Espíritos, não se trata propriamente de mediunidade, mas de uma faculdade anímica, da mesma forma que acontece com os seres humanos dotados da faculdade de vidência.

Comentando essa fala de Erasto, no site do ***Centro Espírita Fraternidade do Ipiranga***, foi postado o artigo “Passe para Animais”, do qual destacamos o seguinte trecho:

> **1. “O Sr. T. magnetizou o seu cão e com isso o matou”**
>
> [aqui na transcrição cita-se o texto de Erasto, que não inserimos]
>
> Nosso comentário sobre esse texto de Erasto – **as pessoas com opinião contrária à aplicação de passes nos animais, valem-se, com**

frequência da citação deste texto de Erasto.

Entretanto, é necessário observar-se que **Erasto aí não se referia propriamente à aplicação de passes nos animais**, que em condições adequadas necessariamente contempla, conforme já referimos, não apenas a atuação do passista, com transmissão de fluido magnético ao paciente, mas também a ação dos bons Espíritos, que somam aos fluidos magnéticos emitidos pelo passista, fluidos espirituais de boa qualidade, direcionando-os com vontade firme e intenção benevolente de auxiliar, de acalmar as dores, de diminuir o sofrimento da criatura que está sendo atendida. **No episódio em que o Sr. T. teria matado o seu cão, ele simplesmente o magnetizou, não lhe aplicou um passe. São duas coisas completamente diferentes, não há como confundi-la**s.

Quanto à citação de Erasto de que o Sr. T. teria matado o seu cão, infiltrando-lhe um fluido haurido numa essência superior à essência especial de sua natureza, é bastante oportuno o que se lê na GE. XIV:

> Como os odores, eles (os fluidos) … trazem o cunho dos sentimentos de ódio, de inveja, de ciúme, de orgulho, de egoísmo, de violência, de hipocrisia, de bondade, de benevolência, de amor, de caridade, de doçura, etc. Sob o aspecto físico, são excitantes, calmantes, penetrantes, adstringentes, irritantes, dulcificantes, soporíferos, narcóticos, tóxicos, reparadores, expulsivos; tornam-se força de transmissão, de propulsão, etc.

Portanto, não é admissível que um fluido de

essência “superior” tenha sido por si só a causa da morte do pobre cão. Salta aos olhos o fato que o Sr. T. não aplicou em seu cão, um passe com boa vontade, com o coração magnânimo, pretendendo beneficiar a sua saúde ou curá-lo de alguma doença, conferindo portanto aos seus fluidos, características que pudessem qualificá-los de calmantes, dulcificantes ou reparadores. Ele apenas o magnetizou, ou seja, transmitiu ao cão, o seu fluido magnético, sabe-se lá com que intenção! **Portanto, se a magnetização o matou, é porque agiu de má-fé e seus fluidos eram de má qualidade**. É o que podemos concluir, após os esclarecimentos citados em A Gênese (GE), cap. XIV – Os Fluidos, item 31, Kardec (Os fluidos que emanam de uma fonte impura são como substâncias médicas alteradas).

Outra possibilidade, é que o Sr. T. não tenha propriamente magnetizado o seu cão, mas tenha vampirizado o seu fluido vital, à semelhança do que fazem certas pessoas que “matam” passarinhos e plantas, segundo o que se ouvia com frequência tempos atrás, na cultura interiorana de transmissão oral, quando era mais comum a criação de pássaros em gaiolas. Então era corrente a recomendação de que quando um visitante desejasse muito adquirir um de seus canários, pintassilgos ou outro pássaro qualquer, o melhor seria ceder-lhe prontamente o animal, pois caso contrário correria o sério risco de ver em seguida, o animal morrer em consequência da “inveja” do pretenso comprador.

Hermínio Miranda relata, em seu livro

Diversidade dos Carismas, volume I, no capítulo XI – Mau Olhado, a “Desencarnação do Chuchuzeiro”, detalhando como em poucas horas seu viçoso chuchuzeiro sucumbiu completamente aos “elogios” de uma vizinha “como se lhe houvessem extraído, de uma só vez, toda a sua vitalidade”. E é o que deve ter acontecido!

O autor revela ainda que uma dúvida muito grande sobre o que realmente acontecera (ele era então muito jovem), teria ficado em sua mente por muito tempo, até deparar-se com a questão LE. 552, em que se lê:

> Algumas pessoas dispõem de grande força magnética, de que podem fazer mau uso, se maus forem seus próprios espíritos, caso em que possível se torna serem secundados por outros espíritos maus.

Se o Sr. T. matou o seu cão por magnetização ou vampirização, isso não representa o foco de nosso interesse neste momento. O que importa é fazer a distinção do que aconteceu neste caso, que não foi aplicação de um passe, procedimento totalmente diferente.

2. Em outra questão, pergunta-se se um passe transmitido com intensa carga fluídica poderia matar um animal fragilizado por doença ou velhice.

Vamos ter em mente as características do passe – transmissão de fluidos magnéticos emanados do passista, aos quais se somam fluidos espirituais emanados dos bons Espíritos, havendo de ambas as fontes, firme intenção e vontade benevolente de fazer o bem, o que confere boa qualidade à

> totalidade dos fluidos endereçados ao paciente. **Em outras palavras, o passe é um ato de amor, e um ato de amor não pode prejudicar ninguém, sejam animais ou seres humanos**. ([39]) (grifo nosso)

Exatamente como entendemos a questão. Porém, para corroborar ainda citaremos José Herculano Pires (1914-1979), que, em ***Mediunidade (Vida e Comunicação)***, assim se expressou:

> […] **Não podemos elevar os animais à condição superior de médiuns**, mas podemos conceder-lhes os benefícios da mediunidade. […] A assistência mediúnica aos animais é possível e grandemente proveitosa. **O animal doente pode ser socorrido por passes e preces e até mesmo com os recursos da água fluidificada**. ([40]) (grifo nosso)

Vemos em Herculano Pires uma opinião de peso, porquanto, foi um profícuo e destacado estudioso da Doutrina Espírita, com vários livros publicados.

Algum tempo atrás, frequentamos o Grupo

---

39 CEFI, *Passe para animais*, disponível em: http://cefi.org.br/passes-para-animais/;

40 PIRES, *Mediunidade (Vida e Comunicação)*, p. 101.

Espírita Maria Francisca Rocha, no Bairro Sagrada Família, em Belo Horizonte (MG), instituição em que os donos de animais têm oportunidade de levá-los para tomar passe. Isso acontece por orientação do Mentor Espiritual que coordena os destinos da casa.

Temos informações da existência de, pelo menos, duas casas em São Paulo, nas quais os animais também têm vez: ASSEMA – Associação Espírita Amigos dos Animais ([41]) e Centro Espírita Fraternidade do Ipiranga ([42]). Não acreditamos que foram criadas por iniciativa de encarnados; mas, seguramente, pelos desencarnados, ainda que isso tenha ocorrido via inspiração.

41 Página na WEB: https://asseama.org.br/tratamento-espiritual-para-animais-grupo-asseama/

42 Página na WEB: http://cefi.org.br/passes-para-animais/

Conclusão

Iniciaremos nossa conclusão com esta frase de Ernesto Bozzano, pois tem tudo a ver com o que conseguimos levantar a respeito dos animais, seja quanto à questão da erraticidade, seja quanto às possibilidades extrassensoriais que possuem: “Os fatos são fatos e saberão impor-se pela sua própria força, pouco a pouco, mau grado a tudo e a todos.” ([43])

Apoiando-nos em dois dos denominados autores espíritas clássicos – Bozzano e Delanne –, apresentamos ao leitor pesquisas sérias sobre o tema. E mais recentemente, a Profª. Irvênia Prada, que, na atualidade, se destaca com sua produção literária sobre esse instigante tema.

Voltando, Kardec:

> Assim, **uma opinião pró ou contra é sempre uma opinião individual e não tem força de lei. O que faz a lei é a opinião geral, que se forma pelos fatos**, a despeito de toda oposição, e que

43 BOZZANO, *Animismo e Espiritismo*, p. 14.

> sobre os mais recalcitrantes exerce uma pressão irresistível. ([44]) (grifo nosso)

Para que fique evidenciado que, de forma intransigente, não podemos nos apoiar em apenas uma opinião, ainda que exarada de alguma parte da Codificação Espírita, empreendida por Kardec.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Nov/2019.
Revisor: Hugo Alvarenga Novaes

44 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 304-305.

Referências bibliográficas

BENEDETI, M. *Qual a Sua Dúvida Para o Tema: A Espiritualidade dos Animais*. São Paulo: Mundo Maior Editora, 2012.

BOZZANO, E. *Animismo e Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

BOZZANO, E. *Os Animais têm Alma?* Niterói: Lachâtre, 2004.

DELANNE, G. *A Alma é Imortal*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

DELANNE, G. *A reencarnação*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Sobradinho (DF): Edicel, 2010.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1860*. Sobradinho (DF): Edicel, 2011.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Araras (SP): Ide, 1993.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1865*. Araras (SP): Ide, 2000.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1866,* Araras (SP): Ide, 1993.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1868*. Araras (SP): Ide, 1993.

PIRES, J. H. *Mediunidade (Vida e Comunicação)*. São Paulo: Edicel, 1987.

PRADA, I. *A Questão Espiritual dos Animais*. São Paulo: Editora FE, 2001.

PRIEUR, J. *A Alma dos Animais*. Bragança Paulista (SP): Lachâtre, 2014.

RICHET, C. *A Grande Esperança*. São Paulo: Lake, 1999.

XAVIER, F. C. *Evolução em Dois Mundos*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

Internet:

Imagem “A criança e o cãozinho”: https://imagens.mensagemespirita.com.br/images/uploads/post

s_file_foto/ar-784x400-animais1.jpg. Acesso em 28 nov. 2019.

Grupo Asseama, disponível em: https://asseama.org.br/tratamento-espiritual-para-animais-grupo-asseama/. Acesso em: 28 nov. 2019.

CEFI – Centro Espírita Fraternidade do Ipiranga, disponível em: http://cefi.org.br/passes-para-animais/. Acesso em: 28 nov. 2019.

Metapsíquica: http://www.guia.heu.nom.br/metapsiquica.htm. Acesso em 29 nov. 2019.

Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87. Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site **www.paulosnetos.net** e alguns outros sites Espíritas na Web, entre eles:

- **O Portal do Espírito**: http://www.portalespirito.com/paulosns/paulosns.htm
- **Geec**: http://www.geec.org.br/portal/index.php/articulistas/paulo-neto-estudos-espiritas-e-biblicos

Autor dos livros: ***a) impressos:*** *1) A Bíblia à Moda da Casa, 2) Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana? 3) Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas, 4) Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica, 5) As Colônias Espirituais e a Codificação e 6) Kardec & Chico: dois missionários;* ***b) Ebook:*** *1) Racismo em Kardec?, 2) A Reencarnação tá na Bíblia, 3) Manifestações de Espírito de pessoa viva (em que condições elas acontecem),* 4) *Homossexualidade, Kardec já falava sobre isso, 5) Chico Xavier, verdadeiramente uma alma feminina, 6) Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores? 7) Apocalipse: autoria, advento e a identificação da besta, 8) Francisco de Assis e Chico Xavier seriam o mesmo espírito?, 9) A mulher na Bíblia e 10) Todos nós somos médiuns?*

Belo Horizonte, MG.
e-mail: paulosnetos@gmail.com
Tel.: (31) 3296-8716